

MARCOS ALVITO: Boa tarde, em primeiro lugar eu gostaria de agradecer ao convite para estar aqui nessa casa, que é um dos centros mais importantes de pesquisa em ciências sociais. Particularmente, eu me encontro hoje, em posição bastante difícil, porque em primeiro lugar é a posição de fã – eu não vou pedir pra você autografar o meu livro, porque ele já está autografado, foi na noite de autógrafos – eu já tinha lido o livro e reli, sabendo que ele ia falar hoje. Procurei tirar algumas dúvidas, assim “quem era tal personagem?”. Mas a dificuldade é não só o fã falar diante da pessoa que ele admira, mas também porque eu não tenho a experiência que o Paulo tem em comunidade, tendo nascido e sido criado, praticamente, 25 anos na Cidade de Deus. Tendo esse contato tão grande que ele teve, não só como **morador**, mas também como pesquisador.

A minha história é praticamente o inverso. Rapaz de classe média, nascido em Botafogo, embora Flamengo até morrer¹, e que só aos 35 anos de idade entrou numa favela à primeira vez. Primeiramente Vigário Geral e depois Acari, onde fiz um trabalho de campo, durante dois anos e meio, três anos, e num período diferente do período relatado pelo Paulo no seu romance. Quando eu entrei em Acari eu entrei em 95, de 95 até 98 eu desenvolvi minha pesquisa, e fiz uma tese de doutorado chamada “As cores de Acari”.

Eu gostaria de relativizar alguns pontos que foram colocados pelo Paulo e polemizar. Por isso eu me encontro numa situação difícil. Particularmente quando ele diz que o morador da favela, hoje, tem mais segurança do que **há** 20 anos atrás. Talvez mais do que tinha **há** 30 anos atrás, mas não a 20. Eu já vou explicar mais à frente.

O que me chama a atenção no romance dele, é que eu estava fazendo uma pesquisa totalmente independente da dele, a única coisa que eu conhecia do Paulo Lins foi um artigo que ele publicou – ele diz que não é antropólogo mas publicou um artigo de antropologia – na revista “Religião e Sociedade”, um artigo

¹ Péssimo gosto! Poderia ter escolhido torcer para o time que tem o nome do bairro que ele nasceu.

chamado “Bandidos e evangélicos, dois extremos que se tocam”, dele e da Maria Lourdes da Silva, se não me engano. Eu conhecia esse artigo onde ele não faz menção à uma série de coisas, que depois ele veio a trabalhar no romance.

E o que mais me chamou atenção em Acari, quando eu entrei lá, eu sendo uma pessoa de fora, , descobri imediatamente que eu tinha uma característica física assim, muito pouco própria pra este tipo de trabalho. Em todas as favelas que eu ia, Parada de Lucas, Mangueira..., o pessoal achava que eu tinha cara de polícia civil. Não é nada agradável, e eu absolutamente desconhecia aquele contexto. Eu era especialista em história antiga, e tive, por um desses azares ou sortes do destino, ido parar numa penitenciária, e de certa maneira me sensibilizado com aquilo ali, e disposto a trocar minha tese de doutorado, que já estava em andamento, já tinha 200 páginas escritas, que era sobre as mulheres de Esparta e Atenas, coisa que não tem nada a ver. Eu mudei pra penitenciária Lemos de Brito. Eu fui proibido de entrar na penitenciária, depois de 3 meses. Em 3 meses eu fiz fama na cadeia, é uma coisa bastante rápida. A ponto do diretor proibir a **minha** entrada. É uma coisa engraçada, os presos querendo sair e não podendo, eu querendo entrara e eles não deixando.

Eu tinha conhecido um poeta de Acari, o **Deley**, e eu falei “**Deley**, eu estou agora sem tese, desesperado, tenho que fazer a tese sobre Acari mesmo, e será que você me levaria lá em Acari? Eu posso fazer a tese sobre Acari?” Nada romântico, parece que eu não escolhi o tema, fui escolhido por ele, mais ou menos. Porque era pra eu ir pra Atenas ou Esparta, depois eu passei no Estácio e acabei indo pra Acari. O capítulo zero da minha tese se chama “Atenas-Acari via Estácio”. Eu comecei em Atenas, fui pra Acari, mas passei antes no Estácio, na Lemos de Brito, pra ser mais exato.

Quando eu cheguei lá eu não entendi absolutamente nada. Parecia algo totalmente caótico. Uma rua principal enorme, que é a Rua Piracambu, onde tem uma padaria no começo. O pessoal correndo pra lá e pra cá. Tocando música o tempo todo. Bares supermovimentados, de vez em quando um pregão bastante estranho “rapa de cinco! Olha aí, liquidação! Quem vai aí?” e aqueles sacos

imensos de cocaína, de maconha. Eu passando todo duro, em frente à boca de fumo. A gente fala “o etnógrafo!”, o etnógrafo no começo não tem nem coragem de olhar, ele passa e ele mal vê, é uma coisa meio lateral. E achando aquilo absolutamente estranho, a minha experiência alucinada, e as pessoas ali normalmente. Aí soltam fogos e entra a polícia armada. **Se atirar** “não corre não! Não corre não, Marcos! O problema é correr. Tem que ficar parado. Tranquilo. Quem não deve não teme.” Dever eu não devia, agora não temer é que era complicado.

Eu não entendia absolutamente nada daquilo que ocorria e comecei a conversar com os moradores. Eu era uma pessoa vinda de fora, embora bem recomendada pelo **Deley**. Eu tinha passado pela Lemos de Brito, onde estava preso o grande traficante de Acari, o **Cy**, que já dominava o tráfico de Acari há mais de 10 anos. Eu tinha passado pela Lemos de Brito, era assim um título de nobreza “você passou pela Lemos de Brito, conversou com o Sabichão”, que era o apelido do **Cy**. Era uma recomendação meio dúbia, mas de qualquer maneira era uma recomendação, já era de confiança. Mas no começo foi muito difícil, já que é um curso voltado para pessoas que nem todas são oriundas de comunidade, talvez vão ter a mesma dificuldade. Eu tentava fazer o outro lado. E como é que você vai trabalhar sem absolutamente conhecer nada.

Assim, no início era muito difícil arrancar qualquer coisa dessas pessoas, porque o que eles falavam era exatamente só da polícia, que a polícia era muito violenta, que a polícia batia, que a polícia dava tapa na cara... E de início, aquilo vem, justamente com o que já pensa o aprendiz de antropólogo “o policial é o grande terror, os bandidos até que não são tão ruins, os meninos não incomodam a gente...” Só que eu fui ficando lá, fui ficando e fui ganhando a confiança. Eu tive a sorte de contar com uma grande assistente de pesquisa, depois do primeiro ano, a **Christina** Vital da Cunha, por acaso ela está aqui agora, já está fazendo pós-graduação na UERJ.

Outra coisa da pesquisa que a gente absolutamente não pensa, mas depois de um ano de trabalho, de pesquisa em Acari, indo pra Acari todos os

dias, porque eu não morei lá, eu ia pra lá e voltava pra casa. Eu conhecia bastante gente, eu freqüentava jogo de futebol. Até me arrisquei, eu sou muito perna-de-pau, mas isso foi pra deleite da rapaziada. Arrebentei o pé, aí todo mundo riu “olha o brancão lá!”, eu tinha o apelido de Super-Homem, porque usava uns **óculos** meio **grandes**, e esse pessoal foi tendo um pouco de compaixão de mim, um misto de compaixão e piedade. Eles foram me aceitando lá em Acari. Bebia cerveja com o pessoal e, principalmente, circulava já sem problemas.

Eu descobri que depois de um ano, eu não tinha entrado na casa de quase ninguém. Eu não conhecia praticamente mulher alguma, nem por nome, nem tinha conversado com mulher alguma. E quando eu tive uma assistente de pesquisa, que foi muito mais que uma assistente de pesquisa. Não é por ela estar aqui, mas foi uma pessoa que fez a pesquisa comigo, a quatro mãos. Quando ela entrou no campo, imediatamente eu comecei a entrar nas casas. Porque eu entrar sozinho, homem, entrar na casa durante o dia, muitos homens estão trabalhando, às vezes tem uma avó, crianças, uma filha menor... Eu entrar nas casas seria ofensivo. Seria uma ameaça à honra, digamos assim, da pessoa. Então ninguém me convidava. Eu uma vez vi dois casais se encontrando e eu pude entender porque não entrava na casa do outro. Eram dois casais, eles se encontraram, os homens se abraçaram, dois homens se encontrando, aquela festa. Um deles virava muito sério pro outro e dizia “essa aqui é a minha mulher” e o outro dizia “e essa aqui é a minha mulher”. Não diziam o nome das mulheres, não apresentavam o nome, o cara não apertava a mão das mulheres. Depois as mulheres conversavam, elas iam para um canto e as mulheres, que nunca tinham se visto, iam conversar, elas tinham que conversar entre elas.

E aí, com esse trabalho da Christina Vital da Cunha, a gente pôde ter acesso a um outro lado da comunidade, que eram as mulheres. O sexo do pesquisador interessa muito. Eu tinha um acesso muito fácil às rodinhas, mas na verdade, as mulheres não apareciam. Às vezes, o cara estava jogando futebol, ficava jogando horas. Ficava bebendo em frente à casa dele. E a mulher jamais

aparecia para dizer “fulano! E aí? Já tá na hora, você não vem jantar? Não vai aparecer?” provavelmente se ela fizesse isso sofreria a represália, e ele se sentiria humilhado. Mais do que ele ficar chateado com ela, ele ia ficar chateado com o desprestígio que ele teria sofrido junto aos outros amigos, que iam zoar muito ele “quem é que manda na sua casa?”

Mas o elemento fundamental da pesquisa era que, e aí me permita o Paulo, mesmo na qualidade de fã, e uma pessoa que conhece muito menos, eu vou **discordar** dele nesse ponto. É que, na verdade, já tinha se ultrapassado a fase do medo nas favelas. A fase do medo é quando você tem um chefe, pessoas armadas e a possibilidade de haver violência, mas você tem uma série de leis e normas que são cumpridas, e a pessoa está mais ou menos achando que se cumprir aquelas normas, se andar direitinho, de acordo com o que está previsto ela não vai ser atingida. Então ela tem medo, mas é um medo sob controle.

Quando eu cheguei em Acari, agente já tinha ultrapassado a fase do medo, a gente estava na fase do terror. A fase do terror é quando as coisas não fazem mais sentido, quando a violência pode irromper a qualquer momento, independentemente do seu comportamento. Você já não consegue acreditar na possibilidade de prever o que aquelas pessoas que estão com arma na mão vão fazer. Eu pude observar coisas incríveis, as pessoas depois de um ano começaram, efetivamente, a falar comigo. De início elas não falavam do momento atual, que foi uma outra barreira. Primeiro só falavam da polícia, depois elas não falavam do momento atual, elas só falavam do passado. E foi aí que eu pude perceber uma ligação muito grande entre a pesquisa que eu estava fazendo e o romance do Paulo Lins. Eles falavam muito de um chefe em Acari, chamado Tonicão, que teria sido o chefe que acabou com aquela fase do estupro, que acabou com aquela fase do roubo de caminhão de gás, com aquela fase do roubo de birosca, do assalto ao próprio trabalhador do local e impôs uma determinada lei. O Tonicão, inclusive dizia “eu sou pelo certo, eu sou pela lei”. E fiscalizava isso. Andava com uma perna de três, que na verdade, era um porrete

de madeira, cheio de concreto. Andava com essa perna, e também com uma Uzi, mas a perna de três era pra bater, no caso de o sujeito ter feito alguma coisa. Por exemplo, urinou diante de senhoras. Ele ia lá e dava uma cacetada no cara. O cara reclamou “tudo bem. Vai ficar de castigo, um ano sem sair de casa”. E mesmo depois dele morrer, o cara continuou preso dentro de casa, só saiu com licença do outro traficante, o que veio **depois**. Essa fase do Tonicão, era a fase que o Paulo Lins descreve no livro dele, a fase das festas de Cosme e Damião, que convidava – eu não posso dizer, porque isso está sendo gravado e vai ser transcrito – chamava sambistas muito conhecidos, chamava equipes de som muito conhecidas, que inclusive estão no noticiário policial, pra fazer festa dentro da comunidade. Pra fazer grandes festas dentro da comunidade, ele tinha um local especialmente para isso, que era a pousada.

Mas tinha uma característica que depois eu pude perceber. Eu fui na **Mangueira**, eu fui em Lucas, na favela da **Maré**, li um pouquinho sobre a Rocinha, embora não tenha estado lá. Eu descobri que em cada um desses casos tinha um mito, um mito recorrente. Esse mito era o mito do bom bandido, que no livro do Paulo Lins é o Manoel Galinha. O Manoel galinha é um jovem, que ele descreve como sendo um jovem tão bom, mas tão bom, que tem uma passagem que ele chega a dizer assim, na página 401, “quando chupava manga não bebia leite, porque fazia mal, e em sua casa não se cobria com coberta virada do avesso para não ter pesadelos. Colocou sapato na varanda esperando Papai Noel, dançou quadrilha em festa junina, pegou doce de Cosme e Damião, brincou de chapa branca: posso sentar, com licença”. Era aquele rapaz absolutamente certinho, que dava aula de karatê. Era um rapaz bonito. Era uma intriga chamá-lo de Manoel Galinha, porque ele estava, inclusive, querendo casar com uma moça que ele namorava. É a história do Tonicão, do Marquinho de Vigário geral, a história de um bandido que não era traficante, era assaltante, chamado Miguelzinho, na Rocinha, que é contada pelo Ronaldo Alves. Todas essas histórias tem algo em comum: são pessoas que não queriam entrar para o mundo do crime e, praticamente, foram obrigadas a entrar por uma questão de

honra. No caso do Manoel Galinha, porque sua namorada foi violentada pelo bando do Zé Pequeno na frente dele. O seu avô foi morto e a família dele foi continuamente ameaçada. No caso do Tonicão, a mesma coisa. Ele, na verdade reclamou, porque uma moça da comunidade foi estuprada e o pessoal o ameaçou de matar. Tocaram fogo na casa da mãe dele, uns dizem que tentaram estuprar a mulher dele. No caso dos outros traficantes, o sujeito era cobrador de ônibus, ele não roubou e o fiscal disse que ele teria roubado... enfim, são sempre histórias que remetem à uma positividade do caráter daquela pessoa. Ao contrário de outras, que no livro do Paulo Lins, ele descreve um bandido chamado Maneco, e ele vai falando de todas as maldades que o sujeito fazia e, no final, com a liberdade que romancista tem que o antropólogo não tem, ele diz assim “era **um** bom filho da puta”. Pra resumir o cara, ele era **mau** mesmo. Ele tem várias biografias de bandido, eu fiz fichamento, eu reli o livro. Mas hoje eu, devido à isso que ele falou, eu resolvi partir para um outro lado, que é um lado menos humano, pra discutir isso, colocar essa questão em discussão, que é a seguinte: depois desse lado de institucionalização colocado por esse bom bandido, de determinadas normas de determinadas regras, mas isso se assentava também por um outro lado. No momento em que era fácil **arregar** a polícia – **arregar**, pra quem não sabe, é dar dinheiro pra polícia – e lá em Acari tinha um lugar que era tão costumeiro de dar dinheiro pra polícia, que virou até nome. A topografia do local já até registrava, era o “Beco do **Arrego**”, que era o lugar onde a polícia recebia o dinheiro todo dia.

Eu acho que as mudanças que ocorreram na comunidade, a partir da implantação desse regime, foram grandes e, uma delas, que me chamou a atenção, entre outras coisas, foi o artigo que o próprio Paulo Lins fez, artigo de antropólogo, com a Maria de Lourdes da Silva, e também o trabalho de campo da **Christina** com o crescimento dos evangélicos, e isso foi o ponto central da minha tese, tem uma passagem do livro dele, em que o bandido, que é o Alicate, se não me engano, está disposto a matar o Cabeção, que é o PM **mau** do **DPO** lá da área. Os dois estão pensando em matar um ao outro, parece até um filme

de bang bang, vem um por uma calçada, vem outro por outra calçada, ou vêm os dois pela mesma calçada – agora não me lembro bem – e eles estão pensando tanto em matar um ao outro, que eles não se vêem. Eles se cruzam sem se ver e o Alicate escapa da morte sem saber que escapou da morte. Mas por coincidência, ou não, no dia seguinte ele entra numa igreja evangélica. No mês seguinte ele se converte e só volta ao conjunto depois, como pastor, pra pregar.

Eu pude perceber na minha tese, e aí eu fiz uma **elocubração**, eu fiz uma hipótese **acerca** disso, que o momento do crescimento do tráfico de drogas e o crescimento das igrejas evangélicas era o mesmo. Ocorreu na mesma época. Foi na **segunda** metade da década de 80, de implantação mesmo grossa do tráfico de drogas pesado e das igrejas evangélicas. Eu procurei estabelecer uma relação entre isso. Eu comecei a perceber que nessa nova perspectiva do terror, dessa ameaça, o que é que eu chamo de terror? Eu chamo de terror nas pessoas dentro de casa, dentro da sua própria casa, não **falando** mais o nome do traficante. Ao contrário do Manoel Galinha, ao contrário do Tonicão, ao contrário do Marquinho e outros, falarem assim “você sabe o filho daquela senhora que mora ali não sei onde, sabe? Tá acontecendo...” ou então, piscando um pro outro, piscando pra mim também, que **a** essa altura já era um pouco parte da família – a **Christina** sabe **a** quem eu estou me referindo – dizendo assim “a polícia está matando muito! A polícia matou três ontem.” Polícia isso, polícia aquilo, e eles piscando porque aquilo era um código. Porque eles estavam querendo dizer que o tráfico estava matando muito. Eles já não tem mais coragem, porque o tráfico ganhou uma dimensão que mesmo que seja 0,03% da população, afeta toda a população. E o terror, qual é a contrapartida dele? São essas igrejas neopentecostais. Você tem uma aula **prática**: “vocês querem ver o inferno? Vocês querem ver o demônio? É só olhar lá fora. Crianças desrespeitando os pais. Criança matando adulto. Criança cheirando cocaína no meio da rua.” Enfim, uma situação de desespero. Então o inferno está armado. Há uma oposição **maniqueísta** bem radical. Aí o artigo do Paulo chama a

atenção pra isso, quer dizer, os dois extremos se tocavam, os evangélicos e os bandidos. A visão de mundo deles é tão radicalmente maniqueísta, que “eu sou CV e você é Terceiro, então eu sou o Bem e você é o Mal, vou te matar e pronto. Ou “eu sou mais terror do que você. Eu sou mais forte”.

E aí a percepção que eu tive, foi de que na época do Tonicão, até meados da década de 80, de outras favelas eu não sei exatamente quando isso aconteceu, na Cidade de Deus eu não tenho idéia. Mas na época do Tonicão houve uma espécie de equilíbrio, na comunidade, entre o tráfico de drogas – que respeitava, que tinha determinadas normas – e a comunidade. Desculpe eu **discordar** do Paulo, mas eu acho que não. Porque pode ser que não aconteça tanta coisa assim para as pessoas. Mas essa sensação, essa percepção do terror é bastante clara. Porque eu peguei várias redações de garotos de 1° e 2° grau, de escolas próximas, e o tempo todo se fala disso. Se fala do terror, se fala de sangue do inimigo derramado. A gente tem acesso a esse imaginário através da linguagem, que está aí nos funks, que está aí nos raps, que está nos campos, nas torcidas de futebol.

Eu fiquei feliz quando o Paulo Lins falou que só aos 35 anos de idade que a gente deixa de ser adolescente. Porque eu estou aos 40, então eu estou saindo da adolescência, eu fiquei feliz, porque me remoçou bastante, me deu a sensação de ser apenas um pós-adolescente. Mas eu sou do tempo em que o jogador que fazia mais gols no campeonato era chamado de artilheiro, talvez porque tivesse uma bomba possante. Depois começou a **ser chamado** de matador. Isso aí já começou a ser diferente, como o brasileiro não conhece, praticamente a tourada, não era bem por aí. Era matador mesmo no sentido de filme americano, Clint Eastwood², de sair matando todo mundo. Depois disso, eu me lembro que de uma ida ao Maracanã, naqueles bons tempos que o Romário ainda jogava no **Flamengo**, bons tempos, e a torcida do Flamengo gritava “Romário é Pit Bull!”. Isso me deixou completamente gelado, porque um dos

² Não estou certo da exata grafia do nome deste ator.

marcos da propaganda pro terror foi o seguinte: na época da violência às vezes você matava o seu inimigo e deixava o corpo dele à mostra, no máximo você jogava na lata de lixo. Na época do terror, você esquarteja seu inimigo, queima, espalha ele por vários cantos. Você não permite mais que aquele corpo, que a aquele cadáver passe a ter um significado humano.

A época do terror é a época do Carlinhos Lacaia, de Acari, que cortou o dedo de um inimigo e andava brincando com dedinho por Acari “isso aqui é do cara que eu matei ontem”. Quando você dá o cadáver esquartejado para ser comido pelos porcos – os porcos de Acari engordavam tremendamente – você dá para o jacaré que tem no valão. Essa é a época do terror, e o pit bull, naquele momento, tinha sido acusado exatamente disso, de estraçalhar, praticamente as coisas, as pessoas. De ser uma ameaça total à integridade física, na hora de matar, o cão dilacera totalmente.

Assim, esse imaginário já presente até nas torcidas de futebol, não aponta mais para a violência, ele aponta para o terror. Pode ser que morra menos gente, pode ser que a lei hoje seja mais cumprida, mas eu diria que – aí tem uma provocação, mas é a minha opinião – o terror é muito maior. Ultrapassou a fase da violência. (aplausos)

Ana Quiroga: Depois de tanta coisa que apareceu aqui, eu ainda vou entrar em uma terceira perspectiva, não sei se para desorientar, mas pelo menos a partir de como eu estou vendo as coisas. É claro que quando a gente fala, a gente vem para debater o que as pessoas falaram antes, mas acontece que na hora em que a gente vai debater, acaba projetando as coisas, também, pelo que a gente anda fazendo.

Eu, por exemplo, ao escutar o Paulo Lins falar e agora o Marcos, não consegui me desligar de um trabalho que eu entreguei ontem, depois de ter ficado dois meses quase, envolvida no evento, pra um trabalho que será debatido em um congresso sobre a integração social na cidade. É um trabalho em que a gente teria que discutir a questão dos dilemas de uma integração

social na cidade hoje, para as realidades da Europa e da América Latina. E para isso, eu limito muita coisa que está acontecendo em outras cidades, sobre o que está se dando na Europa também. Com isso, me vieram duas coisas, talvez aí eu vá colocar uma coisa um pouco mais ampla à nível do que está se dando hoje.

Claro que existe desigualdade, pobreza, isso é um negócio que já ficou tão naturalizado, que já virou paisagem e então ninguém mais quase repara. Mas isso me chamou muito a atenção porque a gente resolveu pegar a década de 90, porque é exatamente uma década de relançamento. A década de 80, é uma década de caos, é uma década que todo mundo sabe que é a década perdida. Você tem uma série de dados estatísticos. É tudo como dizem os latino-americanos "questa abajo", chegou-se a níveis tremendos. Foi uma década em que todos os países – o Brasil foi o menor – tiveram crescimentos econômicos de 37%, 38%, inflações completamente controladas. Essas coisas que sempre falaram que era a causa da nossa pobreza na década de 80. Nós melhoramos em tudo, todos os países da América Latina. Então houveram crescimentos econômicos enormes³, controles inflacionários, a taxa de fertilidade diminuiu, a mão-de-obra está mais qualificada, ou seja, todos os critérios estavam preenchidos, melhorados e a pobreza diminuiu. No país onde houve maior diminuição da pobreza, acho que foi de 5%, assim, há países com 48% de crescimento econômico e 5% de redução da pobreza. Outro teve 21% de crescimento econômico e 1,2% de redução da pobreza.

Por outro lado, a desigualdade ficou absolutamente calamitosa. Foi uma década onde, realmente, os 10% mais ricos acabaram de ultrapassar 50% da renda nacional e os 40% mais pobres com 10 a 8%. O que é que se pensa de um negócio desse? Nós estamos carecas de saber que o país é muito desigual, mas o que a gente vê é o problema consequência da desigualdade, ou seja, nós

³ O plano de controle anti-inflacionário do FMI, implantado em quase todos os países de América Latina, pressupõe estagnação do crescimento econômico, como forma de conter o consumo e a emissão monetária. Se bem que crescimentos de 38% em 10 anos, equivale à um crescimento de 3,8% ao ano. Muito baixo.

estamos vivendo realmente um verdadeiro abismo entre esses dois mundos e esse abismo vai fazendo com que se coloque...

28-11-2000

FITA DOIS

Lado A

Ana Quiroga: (...) os relatos do Paulo, são relatos que chamam a atenção pelo seguinte, para alguns dos impasses que nós, classes médias, vamos tendo agora para, primeiro, conhecer, segundo, atuar nesses lugares, nesses espaços, nesses territórios de pobreza. Vão se formando determinados distanciamentos. Há insegurança em relação ao que a gente fala, é entendido, e o que eles falam, nós entendemos. A insegurança do Marcos é em relação aos códigos, a poder entrar nas casas ou não entrar, porque não é só uma questão de regras de polidez. É porque nós, qualquer um de nós, e quem está na realidade social sabe disso, nós estamos ficando com distanciamentos culturais, distanciamentos de preocupação extremamente amplos. Então eu acho que isso é uma questão que se coloca com desafio.

Por outro lado, essa desigualdade, ela não é só em termos de dinheiro, ela vai se deslocando, vai formando imaginários, preocupações diferenciadas. Não é possível se pensar que o peruano que ganha 7.800 dólares, ou 3.000 dólares, nas novas capas peruanas da globalização, vai conseguir pensar, entender e ouvir os 60% da população peruana, que ganha 60 dólares. Nem se pode pensar que que o peruano que ganha 60 dólares pode continuar enganchado em valores para ao quais a sociedade, a coesão social ou a sociedade enquanto tal, precisa de determinados valores, que permitam dialogar grupos entre si. A medida que essas coisas vão ficando distanciadas, essas questões vão se tornando mais abertas.

É por isso que já na década de 80, precisou ser ele, o pesquisador, para conseguir mais dados confiáveis. Ele como morador de lá. E é por isso que as pessoas que estão faveladas estão pedindo à ele que escreva o livro dele, que ele escreva o livro. Esse pedido que ele falou, os bandidos ficam sempre esperando que ele possa escrever alguma coisa da realidade deles. Porque obviamente as populações e, obviamente as populações mais pobres e os que já foram oficialmente criminalizados, eles passam a ter um discurso ilegítimo. Já era um discurso distanciado, depois, criminalizado, agora ele passa a ter um discurso ilegítimo. Então, essa demanda à que ele escreva, é porque ele teria condição, é assim que eu vejo, ele poderia ser alguém que de alguma forma teria condição de transmitir pra sociedade o que é a vida deles. Porque o discurso deles, a experiência deles, é uma experiência ilegítima. Daí então é que a gente vai vendo que o circuito da criminalidade é muito difícil de ser quebrado, porque é só entre eles, é só entre os reincidentes que eles vão tendo possibilidades de compreensão e de interação.

Eu realmente acho que essa questão de determinadas realidades que nós estamos vivendo, a gente vai se acostumando um pouco com ela. Mas eu acho que ela está dentro, ela vai trazer conseqüências a nível social, cultural e, para nós, enquanto países, durante muitos anos. E aí há mais duas outras coisinhas, uma é que eu volto a ficar encafifada com o problema do tal medo. Realmente o Luís Eduardo fala da tal cultura do medo. De fato eu acho que nós, por exemplo, quem trabalha num balcão de direito, não sei se vocês aqui, a maioria é do balcão, mas eu acho que o balcão são pessoas que trabalham nessa área. Eu acho que essa questão do medo, é algo que a gente tem que começar a pensar. Sem dúvida nenhuma esses universos são algo muito difíceis de se penetrar.

Ontem eu estava lendo um artigo superinteressante que saiu naquela revista "Caros Amigos" desse mês – ou dessa semana, não sei a periodicidade – é um que a capa é a cara do Lula, e dentro tem um artigo de uma mulher chamada Marina Amaral. Ela saiu dizendo o seguinte: afinal, está havendo ou não matança de policiais? E a gente vê o tanto que é intrincado, o tanto que é

difícil se chegar à uma verdade das coisas. É muito interessante o artigo, e principalmente a análise do tal Capitão Rodrigo, aquele policial que participou do filme do João.

Então eu não sei, acho que nós temos que ficar muito atentos para não embarcar em determinados medos, em determinadas situações que fazem com que a gente acabe reproduzindo uma realidade e um comportamento nosso e, às vezes, até uma política de intervenção baseada em informação falsa. Exatamente nessa informação, que já vem amedrontada, e que os moradores às vezes passam pra nós, porque eles sabem que nós somos classe média, somos do outro lado da cidade e acabam passando pra nós, alguma coisa que eles acham que nós achamos deles. Eu acho que é importante se ter um pouco de criticidade em relação em relação à isso.

E a última coisa que eu queria falar pra vocês, é o que eu tenho achado aí realmente de novo, de importante nessas realidades. Vejam bem, quando o Paulo Lins falou da década de 80, eu fico pensando, eu realmente nem fiz pesquisa sobre isso. Mas apontando algumas coisas, a sensação que eu tenho é de que as favelas tiveram uma primeira geração, que foi e se instalou lá, em conjuntos habitacionais da época da remoção, que foram os pais. Os filhos, que é essa geração dos trinta e poucos anos, esses foram pessoas que estudaram, e um certo grupo teve uma formação universitária e crítica, e militaram nas associações de moradores. Você pega várias associações de moradores na década de 60, que foi uma década muito politizada, as associações foram dirigidas por esses grupos muito politizados. Depois nas década de 90 nós vamos vendo esses grupos saindo fora, porque, exatamente, o tráfico entra e esses grupos saem. Inclusive, muitos deles, pela ascensão que tiveram saem, não moram mais lá, ainda que continuem muito ligados, em termos de interesse, de identidade com o local, etc.

E aí eu não sei se estou vendo aparecer, em alguns lugares a volta dessas pessoas, através de centros culturais. Não é mais associação de moradores, porque a associação de moradores, como entidade representativa, ela tomou a

cara dessa dinâmica político-policial lá dentro, e esses grupos saindo para centros culturais. E tem alguns em vários lugares, que eu acho que é uma experiência interessante. É uma entrada por uma outra via. Dessa forma, a via da cultura vai repondo esses diálogos possíveis. É aí a questão do rap, que eu acho que sem dúvida nenhuma, o rap são poesia em que estão saindo críticas sociais fortes.

Então eu acho que nesse sentido, a gente deveria começar a mudar o óculos, e parar de olhar as comunidades pela ótica da violência, do aumento da truculência, etc. Não porque não esteja havendo, mas porque enquanto nós ficarmos colados nisso nós não vamos vendo outras potencialidades, que é por onde a gente pode trabalhar e eles também. Por outras dimensões que eles têm e que são muito importantes de serem compreendidas e valorizadas. Eu acho que a ótica da violência deve ser considerada, mas não podemos continuar batalhando e se preocupando basicamente com isso. Tem essas outras formas de manifestação pelas quais essas populações estão se expressando, estão manifestando potencialidades que a gente deve trabalhar por aí. Era só isso. (aplausos)

APRESENTADOR: O Paulo Lins agora vai fazer os comentários e depois nós vamos abrir ao público.

PAULO LINS: Ele ousou discordar de mim. Poderia levar um tiro, mas eu não vou dar. (risos)

Se a gente for ver a questão da violência nas favelas, e que hoje a violência está diretamente ligada ao tráfico de drogas. Quando não era isso, antes do tráfico de drogas, a favela era também violenta. A maconha, a *Canabis Sativa*, teve um crescimento muito grande por causa dos hippies, cresceu bastante. Esses movimentos, Monterrey, festivais de rock, isso chegou até a gente. A gente pode ver o crack em São Paulo, eu não conhecia crack, eu não

sabia o que era crack. Eu vim saber através da mídia. Aqui no Rio não chegou o crack, ficou só em São Paulo. Mas nos anos 60, não haviam muitos consumidores de maconha. O viciado em maconha era um sujeito tão mal visto como um bandido, hoje não é mais. Hoje todo mundo fuma maconha, a maioria das pessoas que eu conheço fumam maconha. Tem maconheiro de sobra, na nossa universidade, nas outras universidades, nos alojamentos, em qualquer lugar, na mídia, todo mundo fuma maconha. A cocaína abaixou um pouco. Todo mundo não, todo mundo é generalizado. A cocaína na classe média também teve o seu ponto forte, mas na classe média intelectual parou um pouco, porque tem várias classes médias. Hoje a classe média que cheira pó são os novos ricos. Na Barra tem muito cheirador. (risos)

Houve então, um crescimento do tráfico de drogas. Vendiam maconha – pelo menos na Cidade de Deus, na própria Mangueira, no Salgueiro – era o pessoal mais velho que vendia. Vendia o cigarrinho já pronto, era o famoso Colomy, já vendia enrolado. Custava 50 centavos na época. E a violência estava ali. Tinha morte, tinha assalto, havia tudo. Tinha o bandido que matava. Você lembra que na época do Cabeleira, na época do Cara de Cavalo, do Mineirinho. Só que chegava até a Central e ficava ali, naquela região, Gamboa, Santo Cristo, que era a região dos negros. Os negros habitavam ali a favela, e ficou ali pelo São Carlos, pelo Estácio. E nasceu até escola de samba. Tinha o Brancura, que era o grande malandro, a Lapa. Existia essa malandragem, que era tão violenta quanto a malandragem de hoje.

Acontece que a violência aumentou, eu não falei que a violência diminuiu. Há um terror hoje, cresceu muito, mas o alvo da violência, quer dizer, de um tipo de violência, porque você viver oprimido, você não poder falar, ter que seguir determinadas leis que o tráfico impõe, isso é uma violência. Se eu brigar com a minha mulher em casa, o tráfico que vai resolver. Isso é violento. Mas o assalto, a violência desse tipo, que é direta, que você vai assaltar, que você vai partir pra violentação, isso acabou. Hoje você tem a segurança de que se o seu filho vai sair, se não tiver uma bala perdida, ele vai chagar em casa. Isso

acontece, isso está acontecendo. Hoje se diz "esse morro está violento", ele não é violento, ele passa por fases violentas, depende de quem está mandando. Depende de quem é o chefe. E o chefe, hoje, pelo menos no Comando Vermelho, que também é Terceiro Comando, era o CVJ, existem várias versões. A ordem de quem vai ser chefe vem da cadeia. Não é aquele líder que chega ao posto por bravura. Porque há uma diferença, como o sujeito era dono do lugar, ele ganhava esse posto de acordo de acordo com as atrocidades que ele cometeu ao longo da sua carreira no crime. Então, eu mostrar que sou violento, eu explicitar minha violência, é currículo.

Quando você põe limites, que você não pode mais assaltar o trabalhador, acontece uma coisa na favela que chama "desenrolar", "vamos desenrolar agora o que está acontecendo". Quando você tem regras, e você pode segui-las, e você pode se dar bem por isso, se dar bem no sentido de não ser violentado. Se existe uma regra, está lá estabelecida. É arbitrária? É arbitrária. Vocês já ouviram falar do microondas? Você pega um delator, um X9, bota ele dentro de uns pneus e toca fogo. Mata o cara queimado vivo. Isso é uma atrocidade, mas não é muito comum. A Cidade de Deus está em paz a quanto tempo? A Cidade de Deus está em paz desde que o Valtinho morreu. Isso tem 5 anos, há 5 anos que a Cidade de Deus está em paz. Morreram pessoas, mas só pessoas envolvidas diretamente com o crime.

Eu moro em Santa Teresa, que é um lugar cercado de favelas. Ali não tem assalto, não tem roubo de carro. Eu deixo o meu carro guardado na rua. Mas isso não quer dizer que a violência não aumentou. Aumentou. Tem muita criança com arma. O que tem de drogado na favela...maconha e cocaína, a maconha faz menos mal. Eu nunca vi um maconheiro chegar em casa e bater na mulher. Mas o cachaceiro, o alcoólatra, isso é aos montes. Mas isso não prejudica ninguém. O alcoólatra, ele bebe, se enche de álcool, fica ali mesmo, morre por ali mesmo. Acabou, e não se fala mais nisso. Porque a questão fundamental da droga hoje é o álcool. O álcool é um problema muito maior que a cocaína, o álcool desequilibra a família. Eu vou voltar no que eu falei de que existe uma

desestruturação social na favela. E nas famílias desestruturadas, geralmente alguém da família é alcoólatra. Na família do Zé Pequeno, que eram 15 naquela época e eu entrevistei todos, a maioria era de casal separado. Na favela, só de você ter um pai que trabalha, que tem um emprego, você já está no topo da pirâmide.

Para se ter uma idéia, ali em Cidade de Deus, tem a 12, tem a 13, o 15, tem o karatê e tem o 7. A 13 e o 15 eram os lugares mais pobres, e ali que surgiu a boca de fumo. Eram os lugares mais desprovidos. São poucos bandidos, em Cidade de Deus são 150 mil habitantes, não deve ter nem 100 bandidos. Deve ter uns 40 bandidos. É o pessoal que trabalha na boca. Tem o pessoal que fica na boca de frente, tem o pessoal que só endola, tem o pessoal que só vende. É tudo arrumadinho. Tem aquele pessoal que a gente chama de caixa baixa, que faz o assalto. Vai assaltar longe da favela, vai assaltar playboy na Barra. E isso não porque é bonzinho, é porque a polícia não vai subir na favela de carro, não vai ter denúncia, na favela não pode ter denúncia. Aliás, o disque denúncia está dando uma confusão tremenda, porque quem recebe o disque denúncia é a polícia militar. Há uma briga interna na polícia civil, que não sai na imprensa. Acontece o seguinte, recebem a denúncia: "tem um cara com 20kg de maconha, tanto de pó", a polícia militar chega na frente, toma tudo, leva a grana, libera o cara, ou mata, ou leva preso mais leva a metade. A polícia civil não leva nada. Tem essa discussão por causa do disque denúncia, pra ver quem é que chega primeiro. É uma tristeza.

Há um aumento da violência, mas o perfil do bandido, quando ele assume, "não vou assaltar meu povo" "nosso inimigo está lá fora, é quem tem dinheiro", porque a classe média é inimiga, é a luta de classes.

Só para tentar responder mais ou menos. Eu não acho que a violência diminuiu, ela aumentou, esta aí, está visível, só que está um pouco mais fora da favela. Um pouco só, porque o tiroteio acontece na favela. A bala perdida acontece na favela. A hora que a polícia vai é na favela. A favela é o lugar mais violento, nesse tipo de crime.

CECÍLIA: Boa noite, meu nome é Cecília, eu trabalho aqui no (?), sou pesquisadora. Queria fazer uma pergunta para o Paulo Lins e para o Marcos Alvito, explorando um pouco essa polêmica do bandido bom. Eu acho interessante, porque a gente tem o Paulo Lins, que tem toda essa vivência, de dentro, e o posicionamento dele em relação à visão de dentro da favela e o Marcos Alvito, com esse olhar mais distanciado, mas não menos posicionado, como antropólogo. Eu queria saber a opinião mesmo dos dois.

PAULO LINS: Bandido bom é bandido morto (risos). Para imitar o Sivuca.

Essa coisa do cara que vai ser tragado pelo crime, isso acontece muito. Porque às vezes não dá para evitar. É envolvido por vingança, é que matou o pai. O Tempero, inclusive morreu agora, para você ter uma idéia, ele matou duas pessoas: o pai e a mãe. Mesmo com a mãe morta, o filho que estava na barriga, conseguiu sobreviver. Cresceu. Fez 15 anos, 16 anos, na Cidade de Deus. O Tempero sumiu. Foi preso, ficou preso 9 anos. Saiu e se regenerou. Um dia foi dar uma volta de carro na Barra, voltou para Cidade de Deus, foi pro samba. Só que aí o rapaz foi lá e matou o Tempero. Isso depois de 15 anos. Uma coisa assim meio louca.

A questão daquele sujeito, bandido bom, aquele que entra para o crime porque é forçado. Eu não diria bandido bom, acho que é a organização do crime, não é porque ele é bonzinho. A organização veio por osmose dentro do presídio da Ilha Grande, uma questão política, uma tomada de consciência. Foi uma tomada de consciência. Se falou no livro do Carlos Amorim, que ele relata isso, que o primeiro CV não era o Comando Vermelho. Era a Falange LSN, Falange da Lei de Segurança Nacional, depois virou Falange Vermelha, aí sim, quando os caras fizeram o muro virou Comando Vermelho. Isso é uma força política "nós vamos fazer com que haja direitos humanos na cadeia", mandaram um cara pra

Anistia Internacional. Conseguiram fazer isso, a carta chegou lá. Acabou com a violência nas cadeias. Mas não acho que isso seja o bandido que é bom. Tem um monte de bandidos gente boa, eu conheça, o Demétrio é bom, o Jorge devagar, que é todo calmo. É amigo, pelo menos comigo.

Mas a coisa do bandido bom, que ele se referiu, é aquele cara que foi tragado sem querer, por algum motivo, por machismo, por desforra, por alguma coisa, mas ele não tinha o instinto de ser bandido. É que não se vira bandido de uma hora para outra. O processo é lento, e quando o sujeito vai virar bandido, todo mundo já sabe, só a família que não sabe. Tinha um cara, o Luís Sacana, era um pouco mais velho que eu. O filho dele estava se envolvendo, ele trabalhava, era bicheiro e não sabia. E tentando manter. É como quando o sujeito fica careca e começa a querer disfarçar jogando fios de cabelo por cima da careca. É a mesma coisa. Primeiro leva um negocinho ali, atravessa uma arma, até assumir como "é bandido", isso leva tempo. Em algumas famílias a gente ainda sabe que fulano vai virar bandido "ali vai virar bandido". O processo é lento, mas tem muitos que são dessa maneira. Tem essa questão do machismo sim, tem isso de "se um dia isso acontecer comigo, com a minha família, se alguém tirar uma *braba*, tirar uma onda, eu mato" e isso acontece. Foi o que eu acho a que você se referiu

MARCOS: Esse negócio de bom bandido, que na verdade, ficou o termo, bom bandido, eu estava falando do mito. De uma espécie de bandido, que surge num determinado momento na comunidade e é uma espécie de herói civilizatório. Porque antes dele era o caos absoluto e ele impõe uma certa ordem. Então aquele homem que vai **ordenar**, que vai disciplinar e que vai, de certa maneira, trazer uma trégua, uma calma, impor uma norma, impor uma lei.

Tem muita coisa que a gente deixou de falar aqui, e uma coisa que transparece no livro do Paulo, e que foi muito pouco comentada, é a questão racial. Tem, inclusive, uma passagem do livro dele, de um bandido chamado

Grande, que ele disse que era bandido na Macedo Sobrinho e depois colocou uma boca na Cidade de Deus, embora não tenha ido para lá. É interessante, que no caso do Grande ele explicita uma questão racial bastante clara, ele diz que gostava de matar policial. O motivo pelo qual ele gostava de matar policial era porque ele dizia que o policial era traidor. Porque o policial, principalmente o policial crioulo, se bandeava para o lado dos brancos. Os brancos que tinham mandado trazer os negros da África, para trabalhar de graça, para explorar. Os brancos que criaram a favela. Os brancos que colocaram os negros na favela, segregaram os negros na favela, e esse policial tinha que morrer. Assim como todos os brancos. Porque o presidente é branco, o “vovô viu a uva” é branco, a professora é branca, o médico é branco, todo mundo é branco.

Eu acho que quando a gente vai pesquisar essa questão de um bandido, que se torna a liderança de uma comunidade, essas comunidades não escolheram ter bandido como líder. Se a gente pegar as primeiras crônicas sobre a favela, se a gente pegar o João do Rio, se a gente pegar o Benjamim **Constallat**, que é da década de 20, é um repórter do *Jornal do Brasil*, e publica um livro chamado “Mistérios no Rio”, eles vão falar do Morro da Favela, atualmente Morro da Providência, e de um chefe que tinha ali chamado Zé da Barra. Que tinha vindo de Barra do Piraí. O Zé da Barra tinha ficado famoso ao matar dois ou três e tinha se tornado chefe da favela, onde ele impunha a sua ordem. Inclusive, o jornalista, pra subir na favela, tinha que beijar a mão do Zé da Barra, tinha que falar com o Zé da Barra antes de fazer a reportagem. Isso na década de 20, no morro da **Favela**. E o mais importante, o mais interessante é o seguinte: havia o mito que a polícia não subia a favela. O próprio Benjamim **Constallat** fala nisso, que a polícia não tinha coragem de subir, mas fala também de alguns crimes **em** que **teria** sido a polícia que matou. E por que é que o Zé da Barra ficou tanto tempo aterrorizando a Favela e sendo o chefe da Favela? Por que os moradores achavam que ele era maravilhoso? Não. Era através da violência e porque ele era cabo eleitoral de um político muito famoso.

Assim, esses locais, inicialmente os cortiços e depois as favelas, foram locais segregados e estigmatizados como verdadeiras manchas negras da cidade.

Eu acho que a questão racial é uma questão que ??, ela dá sentido à muitas questões polêmicas. E **na** favela, por exemplo, a gente encontra conflitos “raciais”. No romance do Paulo Lins tem vários exemplos, o paraíba, como se chamava na década de 70, o paraíba que não gostava de crioulo, o crioulo que não gostava de paraíba...

FIM DO LADO A

28-11-00

FITA 2

Lado B

MARCOS: (...) através da violência gente tem que **entender** que a relação do Estado, a relação do mundo dos políticos com essas comunidades, sempre foi uma relação – o José Murilo de Carvalho diz isso muito bem – em que você faz uma aliança da ordem com a desordem, saltando por cima de todos aqueles que deveriam ser cidadãos. Você usa o bandido, eu conheci um ex-bandido que tinha se tornado pastor. A vida dele era superinteressante. O pastor Fabiano foi 30 anos bandido, 40 anos pastor, e antes dele morrer, já me contava que tinha visitado o **Paraíso**, em sonho, duas vezes, que tudo era de cristal e ouro. Era fantástica a pregação do pastor Fabiano – eu assisti uma pregação na Assembléia de Deus – porque ele era um ator. Ele dramatizava essa passagem de desconvertido para convertido. Falava assim – aí ele mudava de voz – “quando eu era bandido, começava a cantar meus sambas. Matei um, e não sei o que mais... juntava gente em Madureira para ver. Mas agora...” – aí com voz angelical – “agora, para fazer uma música para Deus é uma dificuldade, para

fazer um hino...". esse pastor Fabiano, ele que era o chefe lá em Acari, desde a década de 50, muito antes do tráfico. Na época dele só fumava maconha quem era bandido mesmo, foi antes dos **hippies**. Era uma maneira de diferenciar o bandido. Praticamente, só se tinha maconha para quem era, do que hoje se diria, do contexto. Ele falou claramente que foi cabo eleitoral de tudo quanto foi político. Quando procuravam um cabo eleitoral, procuravam um bandido da área. E ao mesmo tempo acobertavam esses bandidos. Essa coisa que a gente está vendo aí, do **Hildebrando**, essa ligação do crime com a corrupção, ela é extremamente óbvia. Que lava esse dinheiro que o crime – particularmente o ligado ao tráfico de drogas – gera hoje em dia? Ninguém lava esse dinheiro sem passar pelos circuitos oficiais, sem passar por banco, sem passar por financeira, sem passar por empresa, imposto de renda, etc. Isso para ser lavado. Quem mexe com esse dinheiro? Quem mexe com obra pública? Os políticos. Na verdade, esse dinheiro é lavado, e há um **imbricamento** muito forte, entre crime organizado e corrupção. Sem corrupção não tem crime organizado, e vice-versa. Para a corrupção, a existência do crime organizado, inclusive para fins eleitoreiros e clientelísticos, é extremamente importante. Isso é uma faceta que vem desde a República Velha, é um aspecto histórico.

Uma das coisas que mais me chamou atenção no trabalho de campo, foi uma frase que eu ouvi em várias favelas diferentes. Em Acari eu ouvi da seguinte forma: "crioulo de farda é foda!" E quem me falou isso foi um negro, que virou para mim e falou: "não é preconceito não, mas realmente, o pessoal da cor quando me pega..." aí você volta lá pro passado, escravista mesmo, do Rio de Janeiro. Você descobre que houve épocas que se você somasse os escravos, os libertos e os pardos, você tinha 70% da população. E você descobre que o restante da população morria de medo, e que quando seu escravo fugia, e ele era capturado pelo capitão do mato, você podia pedir à polícia para castigar o escravo. A polícia, mediante uma módica quantia, intervia em serviços terceirizados. Açoitar-se o escravo, deixar o escravo no **Calabouço**... você não precisava castigar o seu próprio escravo, não precisava sujar as mãos, não

precisava pegar na chibata. Pedia à polícia. Tinha um órgão público para zelar por essa segurança.

Eu acho que a questão racial, e a questão do medo, e a visão das favelas – o que não é verdade porque isso varia de favela para favela – tem favelas que **têm** muito mais moradores, , muito mais migrantes do que pessoas **afro-descendentes**, como a Rocinha, algumas comunidades da Maré. Mas tudo isso está muito na base de todo esse processo.

Quando eu estava pesquisando para fazer a tese, eu me deparei com o censo, que na época era ainda uma secretaria de estatística do Distrito Federal, em 1948, foi a primeira vez que se fez um censo das favelas. Em 1948, mais de 50 anos depois da favela existir, ou seja, só depois de 50 anos de existência das favelas, é que elas foram registradas num censo. Só nos anos 80, no governo Brizola – eu não sou brizolista, mas isso é uma verdade, tem que ser dita – o governo Brizola foi o primeiro a reconhecer a existência das favelas. A colocar órgãos públicos como, Light, água, regularização de lotes. Você fica 80 anos desconhecendo a existência de uma população, o único órgão público – aí o Paulo pode até me contradizer se eu estiver errado – mas a impressão que eu tive em Acari, foi que até o início da década de 80, como é que o morador recebia atestado de residência? Na delegacia.

“ – Seu delegado, eu moro lá em Acari.

- O lugar é bravo **heim**.
- Pois é, mas eu sou trabalhador. Queria um atestado de residência.
- Tu é trabalhador mesmo?”

Já imaginou, tirar um atestado de residência na delegacia? Ir até a delegacia pra tirar um atestado de residência ?

E a questão dos policiais negros? Por que é que os policiais negros são mais duros? Por que é que o policial negro é mais duro com o morador, com outro negro? E isso foi dito em várias favelas. Isso foi dito pelo Coronel Jorge da Silva, no livro *Violência e Racismo no Rio de Janeiro*, ele que foi coronel da PM e hoje é subsecretário de segurança. Ele disse: “os negros são os extermináveis

preferenciais. Os negros são tratados com mais violência pelos policiais negros”. Isso é porque há muito tempo que a favela é considerada assim. Eu não estou dizendo que seja casa Grande & Senzala, eu estou dizendo que simplesmente é assim. E a força policial está a serviço da casa grande. e a casa grande são os brancos, simbolicamente, porque ninguém é branco no Brasil, aliás ninguém é branco em lugar nenhum, ninguém é nada. Mas eu acho que está na base dessa violência, está na base desses medos que se tem da favela, que se tem do morro e está na base do complexo policial, que está lá vestido de azul. Ele se olha no espelho, e ele sabe que está ali pra reprimir os negros, como uma ameaça em potencial. Tem um aluno meu da graduação – que está aqui presente hoje – pode corroborar essa coisa que eu estou dizendo. Quando eu estava falando disso, desse medo, e ele disse “uma vez eu estava distraído andando atrás de um sujeito, e o sujeito percebeu que eu estava andando atrás dele. Achou que eu estava perseguindo e começou a andar mais rápido, como se eu fosse assaltá-lo.” – esses aluno é negro – “e aí, eu de sacanagem, comecei a andar atrás dele mesmo. Ele mudava de calçada, e eu mudava também, ele entrava num lugar, e eu entrava também”. Só porque está nesse imaginário o medo da favela. É o medo dos negros, é o medo de uma revolta negra, é o medo do negro como assassino. Que nunca houve no Rio de Janeiro essas revoltas, mas houve na Bahia, e eu acho que a gente é herdeiro dessa tradição. Eu acho que este ponto deveria ser colocado em discussão também.

LUCIANE: Meu nome é Luciane, eu faço parte da Especialização em Segurança Pública, lá na UFF, que está sendo feita agora. Eu queria fazer uma pergunta tanto pro Paulo Lins, como pro Marcos Alvito, a respeito do que você falou que a favela é o local mais seguro. Num dos primeiros módulos que a gente teve no curso, eu tive oportunidade de ter aula com o professor Renato Lessa, e ele falou a respeito do poder despótico que é exercido dentro da favela. Quase chegando à esse terror, ou seja, com uma grande imprevisibilidade tão grande que você não sabe o que é que a polícia ou o que o traficante vão fazer. Eu

queria saber como é que vocês dois, já que vocês tem opiniões diferentes, mas até que ponto essas leis representam uma "paz", uma paz imposta, ou seja, eu viveria muito bem na minha casa, mas obedecendo essas regras. Mas até que ponto isso é reflexo de um poder despótico e imprevisível, principalmente dos traficantes. Eu queria que vocês falassem mais sobre este ponto. Sobre o despotismo.

Outra coisa, é a respeito do disque denúncia. A contrário do que a população acha, a polícia não dá tanto valor ao disque denúncia. E essa questão da polícia civil e a PM também, brigando para ver quem chega primeiro, é uma questão operacional. A PM é uma polícia ostensiva, a civil é uma polícia judiciária, que teria que investigar. Então, se dentro da favela, que não pode ter denúncia, mas algum morador ligou de algum outro lugar de fora da favela, dizendo que há um carregamento de armas ou drogas chegando na favela, vai a PM, não tem jeito, porque é competência da PM. Eu estou excluindo os casos de corrupção que acho que existem. Mas existe uma questão operacional, que em casos de emergência é a PM que vai. É mais uma questão operacional. Eu queria que vocês falassem mais do despotismo, paz e despotismo, como é que funciona isso?

PAULO LINS: Quando eu vivi na favela, que o Comando Vermelho chegou, e tomou conta, eu vivia muito feliz. Tanto porque a polícia recebia mais dinheiro e não entrava na favela, tanto porque não tinha mais assalto. É a coisa que todo mundo queria, todo mundo quer sair e andar na rua. Ocorreu o seguinte, favelado, o cara que é favelado, ele não tem outra alternativa de se locomover, a não ser na favela. Favelado só vai pra favela porque é a cidade partida. Ele não tem trânsito na classe média, por exemplo, "eu vou na festa na casa de um amigo meu ali na Glória." Isso não existe. Então a favela no lúdico, nessas manifestações, ela é auto-suficiente. O pessoal vai pro funk, o pessoal vai pro pagode, tem o baile, vivem daquele mundo.

E quando você mora na favela, se você não se meter, por que qual é o parâmetro principal? O parâmetro é você não se meter, e não chamar a polícia. Cagete morre na hora. Ninguém nunca gostou de cagete. Ninguém gosta da polícia. Eu nunca vi ninguém dizer “eu gosto da polícia”. Todo mundo detesta, desde a ditadura, é uma norma, ninguém gosta de cagete. Todo mundo fala “cagete tem que morrer mesmo”. Isso é um princípio básico que veio desde a ditadura e está aí.

Eu falo no sentido de que você não vai ser violentado dentro da favela. Agora, é muito mais violento você ver 30 pessoas em torno de uma boca de fumo, crianças com armas na mão. É autoritário. Claro que é autoritário, mas aquela coisa de você não poder sair, não poder deixar sua casa aberta, de invadirem sua casa, tomarem tudo, levarem tudo, isso acontecia freqüentemente. Toda hora você tinha isso. De dia... roubavam bujão de gás, roubavam roupa na corda, roubavam seu salário. Sexta-feira era o famoso bololó apagado. Sabe o que é o bololó apagado? O bololó apagado é o sujeito que bebe, bebe, bebe, fica bêbado, aí vão lá e roubam. Isso não acontece mais, pelo menos aonde tem facção. É uma norma da facção, se é por bondade, eu não sei. O bandido, ultimamente tem que ter uma boa relação com o morador, pra não ser caguetado, pra não ser denunciado, fuga...⁴

É a norma do presidio - quem controla o tráfico de drogas é a cadeia, as ordens vem da cadeia. Por uma questão muito simples “se você não cumprir vai cair aqui dentro. Então se você vem aqui pra dentro vai Ter que cumprir”. A guerra na Cidade de Deus acabou, por ordem da cadeia, porque o Valzinho foi preso, o Valzinho e o Paulinho foram presos. Na cadeia se encontraram, na mesma cadeia. Se encontraram e o comando, que era de fora, que não era da Cidade de Deus disse “que tem que acabar com a guerra”. E isso é uma coisa trágica, porque fulano matou o irmão do outro, sicrano matou o tio... e a guerra

⁴ Neste ponto, alguém do público fala alguma coisa que não é possível ouvir. O Paulo Lins responde e o diálogo continua. Registrei apenas as falas do Paulo Lins.

acabou porque foi imposto. Foi uma paz imposta mesmo. Porque é uma questão política. Foi adquirida por osmose, é uma política conturbada, mas é uma questão política “não vou assaltar mais preto” você não vê mais preto sendo assaltado. É difícil você ver um preto sendo assaltado. A guerra no baile funk acabou. Não se vê mais guerra no baile funk. Isso foi uma imposição comando. Acabou a guerra no baile funk. Só tem guerra entre as facções, Terceiro Comando contra Comando Vermelho, Contra o CVJ e contra o ADA, Amigos dos Amigos. São quatro facções que estão de frente no Rio. É o Comando Vermelho, Terceiro Comando, Amigos dos Amigos e CVJ. E o inimigo que entra em guerra mesma é o Terceiro, que é uma das mais fortes.

MARCOS: Não sei o que vou falar do despotismo, mas talvez eu dê um exemplo: o último grande traficante de Acari, o Jorge Luís, que morreu em 96, quando ele morreu houve muita notícia no jornal, e ficou todo mundo preocupado com a questão da formação de novos pesquisadores, que parece ser o caso do clube para o qual a gente está aqui falando. E eu estou tentando contar algumas histórias, pra gente mostrar armadilhas da pesquisa. O Jorge **Luís** morreu, e todos os jornais ficaram falando que ele tinha 20 esposas, 30 filhos, etc. e eu lá em Acari, conversando com o pessoal que tinha conhecido o Jorge **Luís** – eu o conheci, mas só estive com ele duas vezes – fui apresentado logo no começo da pesquisa “esse aqui é o professor que está escrevendo uma tese sobre Acari.” E ele muito traquino, de chinelo, bermuda, mas em volta dele um pessoal com umas AR15, granada, etc. e ele nem ligou. Eu pude perceber que a visão de vida dele não era a longo prazo, **não** era **sequer** a médio prazo, ele sabia que muito antes de eu escrever a tese, de publicar, e sair diante de uma banca, ele já estaria morto. E foi o que aconteceu, morreu menos de 6 meses depois de eu entrar em Acari. O pesquisador acha que é muito importante aquilo que ele está escrevendo, e a gente percebe esse distanciamento entre esses dois mundos, que efetivamente, pra ele, se não vai sair na imprensa, se não vai sair no rádio, se é uma tese, um livro. Se é pra universidade, isso é um outro mundo, um

outro planeta. Ele não está nem interessado no que você vai escrever, desde que você não seja um X9. Mas aí, eu ouvi falar daquela história dos filhos e das mulheres. Eu uma vez tinha estado numa festa de aniversário dele, que tinham participado muitas mulheres, e muitas crianças, quiçá todos filhos dele, ou diziam ser, e aí conversando com um morador que conhecia muito o Jorge Luís, desde criança, contou-me que ele tinha feito a mesma pergunta pro Jorge Luís "ô Jorge, será que você tem tanto filho assim?" tipo "esses filhos são mesmo filhos seus?" e ele respondeu "é claro que não. Eu sei que tem muito aí que não é filho meu" "mas como assim?" "eu vou lá, passo a cantada na menininha, a menininha passa aqui, eu mando o soldado ir lá falar com ela, marcar alguma coisa. A gente se encontra no bar. Eu vou lá dou uma bimbada na menina, daqui a alguns meses ela vem pra mim e diz que está grávida. Eu vou dizer que o filho não é meu? Nada. Pra mim é ótimo. Nasce a criança. E quer saber de uma coisa? Eu nunca fui preso aqui em Acari porque tenho pelo menos uma dúzia de sogras, e trato todas elas muito bem." Aí eu comecei a perceber, e depois, encontraram vários esconderijos de drogas do Jorge Luís. Ele gastava cerca de 20 mil por mês, pagando as mulheres, muitas delas tinham sido mulheres dele durante semanas, ou um mês, e podiam voltar a ser a qualquer momento, mas às vezes não voltavam a ser, e pagava pras sogras também. Era um pagamento semanal de 300 reais para cada mulher dele. Isso é outra questão, quando a gente fala de comunidade, a gente está falando numa coisa muito ampla. Eu vejo aqui no livro do Paulo Lins, ele fala em "lá em cima, lá na frente, lá em baixo, do outro lado do rio e ele falou muitas outras subdivisões". Em Acari, a gente tinha pelo menos quatro comunidades diferentes. A gente tinha o Amarelinho, que era um conjunto residencial da década de 50, a gente tinha o Parque Acari, que era uma favela mais antiga, da década de 40, a gente tinha a Vila Aliança, que era ao lado do Amarelinho, surgida na década de 80, e a gente tinha o Coroado, da década de 70. Só que cada uma dessas comunidades se dividia em algo que eu chamei de **micro-áreas**, que eram 14 ou 15, na verdade. As pessoas faziam times de futebol, e eu descobri isso por causa dos

times de futebol. E quando fazia um time de futebol, por exemplo, do Coroadó, chamavam aquele time de seleção, porque o Coroadó tinha 14 ou 15 **micro-áreas**, e cada uma delas com um time de futebol. Porque era naquele âmbito muito restrito que eles construíam suas relações de compadrio, de amizade, algumas relações de trabalho, casamento, etc. e tinha gente que dizia “você anda pra caramba!” “como assim ando pra caramba?” a favela de Acari não é grande, é grande o número de moradores, cerca de 40 mil pessoas, mas em tamanho não é, é uma concentração populacional muito grande. “porque você estava aqui e daqui a pouco foi lá pra praça Roberto Carlos”. Às vezes era uns 100 metros, mas aqueles 100 metros são 3 ou 4 **micro-áreas** diferentes, e o sujeito não quer ir pra área que não seja a **micro-área** dele, que é uma coisa extremamente restrita. Tinha gente que a partir da guerra entre as facções, não cruzava mais para outra favela. Às vezes era uma rua que separava, e o sujeito não ia lá. **Não** ia mais lá porque ele tinha medo, ele passava por lá e era esculachado, era ameaçado de morte. Eu tinha que responder **acerca** do despotismo. O que é que o Jorge Luís fazia com essas dúzias de esposas e dezenas de filhos? Ele tinha mulheres e filhos espalhados pela favela toda, ele controlava a favela toda através de vínculos pessoais, os únicos nos quais você pode confiar na situação do tráfico. Então, eu chamo de despotismo, esse intuito de controlar e de vigiar toda a favela, eu chamo de despotismo a máquina, o aparelho que Jorge Luís tinha, que permitia à ele cuidar do **disque**-denúncia, que permitia a ele ouvir todas as ligações que eram feitas ali na favela, e para quem a pessoa tinha ligado. Ele permitia a um líder comunitário ligar para a imprensa, ligar para *O Globo*, por exemplo, pra reclamar da violência policial. Dali a algum tempo o líder comunitário voltava e ele perguntava “ligou?” “liguei” respondia “é ligou mesmo, tá aqui”, ele controlava todas as ligações que eram feitas dentro da favela. Eu chamo de despotismo esse controle absoluto, que faz as pessoas terem medo, elas devem ter medo até dos sonhos. Eu chamo de despotismo isso, esse querer controlar abusivamente tudo, que o território da favela é um território que tem que ser dominado, controlado e vigiado. É uma

coisa que ocorre hoje, quanto às questões culturais, qual é a consequência desse despotismo, desse terror? O Paulo fala muito bem que as comunidades e as favelas, de uma maneira geral, são autônomas, são independentes, do ponto de vista cultural, que tem samba, funk. Mas na época do Tonicão tinha muito mais do que hoje. Tinha 4 ou 5 forrós em Acari, hoje não tem. Tem um. Tinha dezenas de times de futebol em Acari, hoje não tem. Tinha 7 grupos de dança caipira em Vigário Geral, hoje só tem um, que não se apresenta na favela. Se apresenta em concursos fora da favela. Por que esse espaço e a rua, para essas comunidades, era um espaço de elaboração de criação dessa cultura, tão própria das favelas. A rua hoje não é mais habitável, não é mais um espaço de troca. Isso faz com que se evaporem as manifestações culturais, a partir do despotismo, a partir desse controle. Embora talvez o cara possa ficar dentro da sua casa assistindo televisão mais tranqüilo, porque o comando está controlando, e está controlando absolutamente tudo. Não vai demorar muito pro comando começar a colocar, como a classe média já coloca, câmaras de TV para controlar as ruas da favela, e daqui a pouco vai pedir pra colocar na casa das pessoas também.

CARLINHOS: Meu nome é Carlinhos. Sou da Rocinha, conheço o livro do Paulo, conheço em parte algumas das situações aqui apresentadas, em relação à Cidade de Deus, ou outras comunidades, algumas de ver, outras dos folclores ou boatos. Quero dizer primeiro do meu desconforto quando a gente vem para um encontro falar de comunidade e o prisma ser criminalidade, e não vim realmente dizer o que acontece e o que não acontece, minhas discordâncias vêm depois, mas que tenha esse enfoque. Eu fico meio decepcionado, mas eu queria discordar de algumas coisas. Uma delas é em relação às leis e normas da favela, de que as pessoas tem que cumprir. A gente tem opção de não cumpri-las. A gente sabe que é uma briga, que é um risco, mas hoje a gente opta por um lado. A gente sabe que corre o risco de ser convidado pras reuniões lá de madrugada. Mas existe em todas e existe um grupo muito forte, que é o da

resistência. É o grupo que luta pra tirar esses menores, ou pra diminuir o impacto desses menores, ou melhor, dessas crianças junto ao tráfico, ou enquanto usuário de drogas. A gente não quer ser discriminatório, mas a gente também não quer achar comum a banalização da maconha. A gente quer apostar em outras coisas, e acho que isso são alguns sentimentos comuns. Então pra um morado, não da pra ser melhor, qualquer que seja a sigla, e aí é que a gente começa a mostrar a diferença do que a gente faz. E aí é que quando a gente começa com cineclubes, eu também comecei com cineclubes, dentro da (aspa) na Rocinha. Então hoje não dá pra dizer que as manifestações culturais diminuíram, hoje a gente tem rádios comunitárias, a gente tem os grafiteiros, a gente tem n projetos sociais, e a gente reverte. Na verdade a gente bate um pouco na mesa pra rapaziada, e a rapaziada tira o chapéu pra gente. Vamos botar um pouco de seriedade, a gente sabe que há uma desconfiança, de parte a parte. Ele pela força, pelo poder que ele representa e a gente pelo trânsito que a gente tem. Pelos tentáculos que a gente tem junto à sociedade, ao asfalto. E daí, em cima da história mesmo, da cidade partida, eu acho que tem hora que a gente fala, "vamos então fazer nossa parte e vamos caminhar a integração". Em que pese o samba, em que pese o pagode, em que pese todas as nossas atrações, mas a gente tem que ir, e vai mesmo, pro asfalto, buscar essa integração. Uma vez que talvez geograficamente falando seja mais complicado o asfalto se estender pra favela. Quando vai, vai como estudioso, com uma série de paradigmas, e a gente tem que cortar isso...

FIM DA SEGUNDA FITA

28-11-00

terceira fita

lado A

CARLINHOS: (...) quando a gente fala que o traficante está politizado, não está não. Eu acho que precisa muito mais. O Marcinho VP, quando ele vai pra TV, ele expressa apenas a vontade que ele tinha de conhecer na prática aquilo que ele teoriza, porque o Marcinho VP foi um garoto que integrou um dos grupos de maior conscientização política que existe hoje dentro das comunidades, que o grupo ECO, dentro do Santa Marta. Ele trabalhou o tempo todo com cidadania. A história lá da favela é menor, muito maior foi a experiência, foi o que ele aprendeu dentro do grupo ECO. Quando ele teoriza algumas coisas, na verdade, faltou para nós das comunidades, que acreditamos nessa realização do grupo ECO, faltou apostar um pouco mais, que o nosso líder de vanguarda pudesse ser o Márcio. Ele hoje podia estar em um outro front de luta, que não é lá dentro, onde ele está hoje, calado. O máximo que pode sair dali é um livro, muito mais teorizado que vivido, e aí a gente fica com o sentimento mesmo de perda. Eu queria deixar, não pro Paulo, não pro Marcos, não pra Ana, mas eu acho que a gente que abaixar um pouco a bola, quando falar sobre comunidade, falar sobre esse prisma da transformação que está acontecendo. Os jovens nas comunidades, envolvidos com as questões sociais, é maior. As igrejas evangélicas, católicas, etc. os grupos em geral. Eles estão mobilizando. Eles hoje são sim, maioria, falta é a gente juntar essa foça. Hoje, o Cantagalo, das ações que existem dentro do Cantagalo, 80 a 85% são envolvendo jovens e o movimento acreditando em mudança e fazendo pelo social. Só para dar um exemplo. Eu acho que eu quero ter um prisma mais positivo, deixando assim esse toque.

VOZ MASCULINA: Eu vou ser bem breve. Eu acho que a colocação é a do Carlinhos mesmo. Eu participei da organização desse curso que nós estamos fazendo. Quando a gente escolheu o tópico comunidades, na verdade, estava querendo dizer a favela. Mas não queremos botar "a favela" porque achava que o linguajar adequado era "a comunidade". E todas as falas foram sobre a favela,

não uma comunidade. Aí o Marcos tem ampliado essa perspectiva de comunidade, mas a minha fala é sempre "a comunidade". A não ser quando eu estou num ambiente absolutamente à vontade, aí eu falo "a favela", quando eu estou assim falando para fora, eu falo "a comunidade". Eu queria trazer só um pouco essa brincadeira. E outra coisa, a minha questão passa um pouco mais por dois pontos: primeiro, por essa informalidade/formalidade, lidar com o mundo legal e com o mundo informal. Como é que é atravessar as rua se passar a se reger pelas normas da sociedade ou direito formal e dentro da comunidade estar vivendo num direito costumeiro. Como essa coisa se passa na cabeça de cada um. E aí terminando uma coisa que me angustia muito; como é trabalhar em formação comunitária, em desenvolvimento comunitário, onde as pessoas – aí um pouco também na fala do Marcos – ele disse que não pôde entrar no presídio, acabou indo para em Acari. Como é que é você ir para um lugar, como eu trabalho com favela, quero trabalhar, me sinto à vontade lá, mas as pessoas que moram lá querem sair de lá. Eu também entro numa situação que é o seguinte, por exemplo, como é que a gente pode trabalhar com o Carlinhos, se a perspectiva do Carlinhos é sair da comunidade? Como é que deve ser essa coisa que passa na cabeça das pessoas que trabalham com questão do desenvolvimento comunitário querendo sair daquela comunidade. Querendo deixar de ter aquela referência. Mas enquanto estão lá, meio que são obrigados a prestar um trabalho comunitário.

PAULO LINS: A maior preocupação duma mãe na favela é que o seu filho não entre pro tráfico de drogas. E essas manifestações culturais de resistência, conforme a criminalidade, sempre existiram. Pelo menos na Cidade de Deus, desde que eu estou lá sempre teve grupo de teatro, sempre teve o pessoal que batalhou por qualquer espécie de desenvolvimento, cineclube, associação de moradores, isso sempre existiu. Agora, quando eu sou convidado para falar de favela e comunidade, vou falar daquilo que mais conheço, a quilo sobre o que eu escrevi, que é a criminalidade. Quando eu faço contraponto entre o crime antes

do Comando Vermelho e depois das facções, isso é visível. A diferença é visível. Várias estatísticas indicam. O crime na cadeia antes do Comando Vermelho, era muito maior, do que depois do Comando Vermelho, depois das facções. Eu não estou fazendo exaltação ao Comando Vermelho. Eu não faço exaltação a bandido. Eu não gosto de criminalidade. Mas que existe uma diferença na relação do morador com as pessoas envolvidas com o tráfico, existe. Tanto é que tem um pessoal hoje que resiste. O pessoal do hip hop, por exemplo MD Bill, na Cidade de Deus, ele prega contra o tráfico, contra a maconha, contra a cocaína, contra a bebida e é respeitadíssimo pelo pessoal do tráfico. Agora, com relação ao tratamento, a violência continua. Mas o modo que a relação se dá é diferente. Eu prefiro viver num lugar que não tenha guerra, do que num lugar com guerra. Quando tem guerra na favela, que é uma coisa que existe, a gente não consegue sair de casa. Eu já peguei tiroteio de 3, 4 dias, sem poder sair de casa, sem poder me levantar. Isso aconteceu recentemente aqui. Mas na Cidade de Deus está arregado hoje, a polícia não entra na Cidade de Deus. Não entra nem Sexta nem Sábado nem Domingo. Quando está arregado a polícia não entra e tem um lazer pro pessoal do funk, pro pessoal do hip hop, que só se juntam ali. Os bandidos ficam misturados com as pessoas que não são bandidos, tem família que é assim: o pai é motorista, a mãe é dona de casa, tem uma filha de 18, 19 anos, que estuda e não é envolvida com criminalidade e vai lá no lazer se divertir. Que é próximo à uma igreja, que é próxima de uma associação de moradores, e ficam todos lá. o pessoal fica lá amarrado, e não se mete com morador. Então, há anos, há 20 anos atrás, uma mulher que saísse sozinha de casa, corria risco de ser estuprada, e isso não existe mais. É violento? É violento. É autoritário? É autoritário. É impositivo? É impositivo. Mas existe uma diferença, quando você sabe que você não vai ser violado se você cumprir determinadas regras, que não abrangem a favela toda, por exemplo, uma favela de 45 mil pessoas, não é uma favela de 150 mil pessoas. Se costuma dizer que o narcotráfico faz o papel do Estado. Isso é mentira, hoje, quem faz o papel do Estado são as igrejas evangélicas. Elas que dão conforto, que resgatam a

dignidade da pessoa, nelas tem assistência médica, tem escola pras crianças. Tem escolinha lá, com toda ideologia religiosa em cima, mas tem. Então assume uma certa forma, não completamente, mas ela assume uma certa forma, porque tem um contingente muito grande, assume o papel do Estado. O sujeito que vai à igreja, lá recebe afeto. A questão psicológica é tratada lá, as crianças tem escola, o sujeito se arruam, põe um terno, ele se veste pra poder sair, isso está no filme do João Moreira Sales. Muitos bandidos só ajudam o pessoal que está envolvido, de uma certa forma, o pessoal que está mais envolvido, que permeia o mundo do crime, é que vai lá pedir alguma coisa, tem famílias que nunca vão. O cara pode até passar fome, mas não vai, a maioria, 90% não vai pedir ao traficante um palito de fósforo. Então, esse poder que o traficante tem “ele me mata se eu não cumprir algumas regras” tem poder. Mas não é uma coisa tão grande, que eu não posso fazer, que eu não posso sair, que eu não posso fazer assim. O cara pode andar, o cara pode... nunca vai ter envolvimento. Porque ele não vai caguetar, não vai ter problema com os bandidos, ele não vai fazer conchavo com a polícia. Isso são as piores coisas. Quando eu falo que há uma diferença, onde tudo pode acontecer, por exemplo, se um sujeito matar um fulano pra assaltar, ele vai morrer. É uma ética. É uma determinação, uma ordem que existe. É impositiva, mas existe. E se você comparar a favela antes e depois dessa organização que está acontecendo hoje. Hoje é muito melhor viver na favela do que há 20 anos atrás, apesar de não sair na rua.

MARCOS: Tinha uma agente comunitária muito desbocada, mas muito sincera lá em Acari, que falava assim “porra! Esse negócio de comunidade é pra **inglês ver**. É favela mesmo”. O perigo quando a gente vem de fora pesquisar é que a gente vai ouvir o que os moradores acham que a gente deve ouvir. E a gente vai ver aquilo que eles quiserem que a gente veja também. Durante muito tempo eu lembro que tinha um tour, um tour que era o famoso tour dos políticos. Invés de entrar pela rua principal, que era asfaltada e bem ampla, o líder comunitário fazia eles entrarem pelo **Beco do Arrego**, que era bem estreitinho e depois

andar por uma série de vielas de Acari. Que tinham como característica ter o esgoto à céu aberto. Fazia o político patinar no esgoto a céu aberto, nas piores ruas de Acari, depois voltava por outras ruas por onde também tinha esgoto a céu aberto. O cara não via as ruas que tinham comércio. Vídeo locadora, contador, advogado, etc. Ele não via isso porque ele fazia um tour que era o famoso tour da bosta, pro político botar o pé no chão, naquela matéria, e depois ele arrancar mais dinheiro do político. Então, os mesmos líderes comunitários, que não gostavam de atravessar pela outra comunidade, porque diziam que do outro lado, do lado de lá "faz um calor danado". Esse mesmo líder comunitário, quando chegava na hora de falar em Acari, aí ele não falava da comunidade dele, ele falava de Acari como um todo, porque aí ele pedia verba para todas as comunidades. É claro que ia fazer melhoramentos só na sua. Então, um dos perigos do pesquisador, seja achar "porque você acha a favela tão bacana?" que só te contam as coisas bacanas. O pessoal ao mesmo tempo diz que quer sair de lá. quando você fica mais tempo lá, eles vão deixar de te contar só as coisas bacanas e você vai descobrir outras coisas que não são nada bacanas, motivos pelos quais as pessoas vão querer sair de lá.

Nesse momento alguém fala alguma coisa fora do alcance do gravador.

ANA: Entendo o que ele falou, talvez seja um pouco a angústia, eu acho que esse debate foi superinteressante, porque, inclusive, o conhecimento que os dois tem das entranhas da dinâmica interna dessas áreas, é extremamente importante no contexto do curso, eu entendo a angústia dele, porque de fato quem está lá preocupado com a questão do trabalho, de como articular, como ativar essas forças. Um pouco de contraposição e resistência à tudo isso. Eu entendo uma certa frustração à gente não ter tratado muito sobre isso aqui. Eu acho que de fato é uma preocupação que tenho em relação ao assunto. Sem dúvida, mais do que um problema só de estar hoje, tudo marcado pela questão

da violência, das armas, da possibilidade da morte. Eu acho que o destrinchar desses códigos, dessa complexidade, ajuda a entender como o indivíduo se sustenta. Isso daí realmente é um mundo. É um mundo de uma outra forma, com uma outra normatividade, que eu acho que é desafiante para a gente entender. Na nossa sociedade estamos vivendo cada vez um distanciamento cada vez maior entre norma e práticas sociais. Isso em todas as classes. Evidentemente, que nos contextos onde as normas estão mais distantes porque foram feitas a partir de outros referenciais. A distancia entre a prática com um referencial bom e a realidade é muito grande. acho que isso, para quem tem que intervir é uma das questões que precisamos discutir mais. E que denominadores comuns, que mínimos múltiplos comuns que a gente pode desenvolver à nível desse trabalho, com essa realidade. Acho que é por aí que a gente está precisando descobrir, por isso entendo um pouco sua aflição. Mas acho que talvez teria que ser enfoque de uma outra discussão.

TRANSCRITORA: a partir deste ponto, até o final da fita, ou melhor, até o final do debate – mais dois ou três minutos de fita – há um problema na gravação, que torna a fita inaudível, impossibilitando a conclusão do trabalho. Ao que pude compreender, os debatedores se despedem, agradecem e são aplaudidos.

FIM